

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

Natália Cristina Vinhal e Silva

DIÁLOGOS INTERARTÍSTICOS:

as experiências artístico-pedagógicas de mediação teatral no projeto IdAs e Vindas.

Brasília, 2014.

NATÁLIA CRISTINA VINHAL E SILVA

DIÁLOGOS INTERARTÍSTICOS:

as experiências artístico-pedagógicas de mediação teatral no projeto IdAs e Vindas.

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas,
com habilitação em Licenciatura, do Departamento
de Artes Cênicas do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Cecília de Almeida Borges.

Brasília, 2014.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho de conclusão de curso começou a ser feito em Maio de 1986 quando meus pais resolveram construir uma vida juntos. Graças ao esforço, ao companheirismo e ao trabalho deles, eu tive a oportunidade de estudar Artes Cênicas. Este trabalho não poderia ser concluído sem o apoio incondicional dos meus queridos pais, Dácio e Angela, e do meu querido irmão, Matheus, exemplo de dedicação. Obrigada por serem excelentes exemplos e serem a base de tudo.

À toda minha grande família e aos meus amigos, por sempre me apoiarem e me incentivarem a continuar nessa trajetória.

À Cecília de Almeida Borges que, muito mais do que uma orientadora, foi uma grande parceira nestes dois últimos anos. Obrigada por confiar em mim e por compartilhar diariamente o seu amor pelo teatro e por todas as potencias que ele pode gerar.

À todos os professores e colegas do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília por compartilharem comigo a grandeza da nossa área. Agradeço, em especial, aos colegas do NUTRA – Núcleo de Trabalho do Ator – e do IdAs e Vindas, por todas as experiências compartilhadas que me ajudaram a trilhar um caminho mais completo e rico dentro da UnB.

À todos, muito obrigada!

Somos os propositores; somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido da nossa existência.

Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos a vosso dispor.

Somos os propositores:
enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação.

Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora.

Lygia Clark, “*Nós somos os propositores*”, Livro-obra, 1964.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. MEDIAÇÃO TEATRAL	8
1.1 A ida ao teatro como um espaço potente para o ensino-aprendizado	12
1.2 A Mediação Teatral do IdAs e Vindas e a Abordagem Triangular	13
2. A MEDIAÇÃO TEATRAL NO IDAS E VINDAS	16
2.1 “Á flor da pele” e as diferentes tribos da sociedade	18
2.2 “Dodecaedro” e a proximidade com o público	20
2.3 “Rosa Vermelha” e a pluralidade de interpretações	22
2.4 “K- Processo n° 2013” e a mediação dentro do processo de montagem de um espetáculo	24
2.5 “Cabaré de palhaços” e a diversidade teatral	26
2.6 As Vindas e a desmistificação da UnB	28
2.7 Alguns números do IdAs e Vindas	31
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
4. REFERÊNCIAS	34
5. ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido a fim de sistematizar e compreender as ações culturais e pedagógicas, através do processo de mediação teatral, do projeto IdAs e Vindas: diálogos interartísticos.

O projeto IdAs e Vindas é vinculado ao Instituto de Artes da UnB e engloba os departamentos de Artes Cênicas, Artes Visuais, Desenho Industrial e Música. O projeto teve início em 2011 e visa, prioritariamente, estabelecer diálogos, através de produções artísticas, entre os alunos da rede pública de ensino do DF das comunidades nas quais se localizam os novos campi da Universidade de Brasília (Gama, Ceilândia e Planaltina) e o conjunto de docentes e discentes dessas áreas de saberes, do campus Darcy Ribeiro.

Meu ingresso no IdAs e Vindas aconteceu no início de 2012 como bolsista na área de produção de Artes Cênicas. Durante as reuniões semanais da equipe do projeto, comecei a ter contato com a mediação teatral e logo me interessei por este tema que ainda é novo e está em ascensão não só no curso de Artes Cênicas da UnB, mas no meio artístico-pedagógico como um todo.

Em Junho de 2013, tive a oportunidade de integrar a coordenação geral do IdAs e Vindas iniciando um estágio de Produção Cultural. Na coordenação da produção, pude entender toda a parte operacional de um projeto cultural e como todas as partes devem estar conectadas para o bom andamento das ações. Como o IdAs e Vindas é um projeto que lida com três grandes frentes (os departamentos do IdA/Darcy Ribeiro; os novos campi da UnB e as escolas do ensino público do DF), foi uma experiência riquíssima. Porém, mesmo coordenando a produção do projeto, não me desvinculei da área de mediação teatral, resultando assim este presente trabalho de conclusão de curso.

Como dito anteriormente, esta monografia visa sistematizar e compreender as ações culturais do projeto IdAs e Vindas. Para isso, tomarei como ponto inicial da análise a minha entrada no projeto em 2012, pois foi também nesse ano que começamos a ter treinamentos e um planejamento maior voltado para a mediação teatral.

Para o embasamento teórico desta pesquisa, teremos como referência principal a Pedagogia do Espectador, estudada por Flávio Desgranges, e também a Abordagem Triangular, sistematizada pela arte-educadora Ana Mae Barbosa. Alguns procedimentos artísticos e pedagógicos adotados pelo IdAs e Vindas serão descritos para melhor compreensão teórico-prática da mediação teatral. Questionários aplicados para os alunos da rede pública de ensino nas edições do projeto IdAs e Vindas também serão analisados, assim como relatos de grupos que se apresentaram e também relatos da equipe de mediação de Artes Cênicas.

1. MEDIAÇÃO TEATRAL

As primeiras estratégias de mediação cultural surgem, inicialmente, ligadas às Artes Visuais. Quando os grandes museus começam a desenvolver práticas com o intuito de aproximar o público das obras expostas, o aspecto pedagógico da arte começa a ser mais valorizado. Com a criação dos setores educacionais dos museus – no Brasil, em grande ascensão a partir dos anos 1990 - várias metodologias e estratégias foram sendo criadas e experimentadas posteriormente com o público.

De acordo com Flávio Desgranges, nos países europeus, entre a década de 1960 e 1970, houve uma movimentação de artistas com o objetivo inicial promover uma ‘democratização cultural’ (Desgranges, 2010, p. 45), no sentido de propagar a arte para o maior número de pessoas. As diferentes atividades desenvolvidas desejavam aproximar a arte teatral de pessoas que não tinham contato com essa linguagem, seja por falta de condição financeira ou por falta de um hábito cultural.

Os artistas que começaram a desenvolver essas atividades de popularização do teatro buscavam uma conscientização social e política dos espectadores e utilizavam o teatro como meio para isso.

Esse movimento baseava-se na convicção de que todas as pessoas têm plena capacidade e direito de ver e fazer arte. A difusão das práticas artísticas ao mesmo tempo que ampliava o círculo de conhecedores, tinha por objetivo subverter a ordem estabelecida. A arte – e o teatro funcionava como um dos principais instrumentos de ação cultural – era veículo primordial de questionamento e transformação da sociedade. (Desgranges, 2010, p. 46)

Além do desejo de expandir a arte para todos, já nessa época havia também uma preocupação com as crianças e jovens, que, ao longo do tempo, passaram a ser o público-alvo das atividades propostas pelos grupos, que acreditavam que os jovens, que passavam por essa proposta de formação, seriam os adultos conscientizados do futuro. Essas atividades desenvolvidas nas escolas, nomeadas de animações teatrais, foram amplamente estudadas e classificadas por Roger Deldime, sociólogo belga, grande estudioso teatral.

A classificação de Deldime conta com as animações teatrais autônomas e as animações teatrais periféricas. As animações autônomas são aquelas que não estão, necessariamente, ligadas a um espetáculo teatral. Eram oficinas desenvolvidas que tinham como objetivo introduzir alguns aspectos da linguagem teatral para que o público pudesse ficar mais familiarizado com alguns processos que permeiam os espetáculos teatrais e também para desenvolver a criatividade e expressão dos alunos. As animações teatrais periféricas estavam ligadas a um espetáculo que seria apresentado. As atividades poderiam oferecer informações adicionais sobre a peça ou eram atividades ligadas à encenação.

O conceito de mediação teatral surge apenas nos anos 1990, substituindo assim o conceito das animações teatrais. A mediação teatral começa então a surgir por ser um conceito mais abrangente e que permite outras formas de aproximação entre o público e a arte teatral. A mediação teatral engloba não só as atividades de animações teatrais listadas por Desgranges em seu livro (2010), mas engloba também toda e qualquer ação que facilite o encontro do espectador, que é parte fundamental para que essa linguagem aconteça, com o teatro.

É considerado procedimento de mediação toda e qualquer ação que se interponha, situando-se no espaço existente entre o palco e a plateia, buscando possibilitar ou qualificar a relação do espectador com a obra teatral. (Desgranges, 2010, p.65)

A mediação teatral promove o acesso do público ao teatro, seja o acesso físico ou o acesso linguístico. O acesso físico é toda ação que facilite a ida do público ao teatro ou a ida do teatro ao público. Estas ações podem ser desde o barateamento dos ingressos até o acontecimento dos espetáculos nas regiões menos favorecidas ou a construção de grandes centros de artes nessas regiões. O acesso linguístico, como o próprio nome sugere, diz respeito á linguagem teatral. Consiste em, através de diferentes atividades, oferecer caminhos para que o espectador possa estabelecer diferentes relações com a obra apresentada.

O acesso linguístico visa o olhar diferenciado do que é colocado no palco. Não é apenas receber as informações, mas criar pontes e possibilidades de diálogos com tudo que o cerca no seu cotidiano. Visa reconhecer as formas e os símbolos que são cuidadosamente criados pelos artistas e colocados em cena sempre por alguma razão. Sobre o acesso linguístico, Ingrid Koudela fala:

Lidamos aqui com a relação que o espectador estabelece com a cena teatral, da conquista de sua autonomia crítica e criativa. A autonomia refere-se à construção de sentidos que nasce a partir da experiência sensível, a elaboração de significações que constituem o ato pessoal e intransferível do espectador. Esta autonomia precisa ser construída.

(Koudela, 2010, p.5)

Como esse processo de autonomia não é algo intrínseco ao homem e sim um processo a ser descoberto e construído, surge então a figura do mediador cultural. O mediador deve ser um provocador. Não é uma pessoa que detém todas as respostas, mas uma pessoa que sabe gerenciar os assuntos e sabe lidar com os diferentes caminhos para abrir e fechar pontos a serem discutidos.

(...) autonomia na constituição de critérios de interpretação. A organização deste potencial de sentidos que surge na experiência artística, a elaboração de significações que constituem o ato pessoal e intransferível do espectador, como sabemos, não se limita a um talento natural, mas precisam ser antes de tudo compreendidos como conquistas culturais. Conquistas nem um tanto imediatas ou evidentes, mas que, ao contrário, solicitam esforço para se efetivar. (Desgranges, 2008)

Poderíamos distinguir então, conforme já escrito por Desgranges, que o acesso físico diz respeito à formação de público, ou seja, procura aumentar o número de frequentadores do teatro e criar um hábito cultural voltado para essa linguagem. Já o acesso linguístico diz respeito à formação de espectadores; procura criar uma intimidade do espectador com o teatro para que assim ele possa ser um espectador ativo, que participa da peça, criando diferentes relações com o que lhe apresentado.

Ambos os tipos de mediação teatral são importantes. Não são aspectos excludentes, mas podem ser complementares. No Brasil, hoje, a ida ao teatro não faz parte do hábito da grande maioria dos brasileiros. As pessoas se interessam por aquilo que elas conhecem. Se não existe o acesso á cultura, elas não se interessarão em buscar isso e muito menos fazer a ida ao teatro virar um hábito.

Projetos e ações culturais, como o IdAs e Vindas, são importantes por facilitar não só o acesso físico do público, mas também por introduzir aspectos iniciais das linguagens artísticas para que o espectador possa fruir uma obra artística.

Não adianta ter uma grande oferta de peças em cartaz se o público não tem vontade e curiosidade em participar do evento teatral. Como ressaltado por Desgranges, o prazer advém da experiência, o gosto pela fruição artística precisa ser estimulado, provocado, vivenciado, o que não se resume a uma questão de marketing (Desgranges, 2010, p.29). É preciso oferecer caminhos concretos para que o público sinta no teatro, além do prazer artístico, uma possibilidade de crescimento, baseada na sua liberdade interpretativa e na construção de sua autonomia.

1.1 A IDA AO TEATRO COMO UM ESPAÇO POTENTE PARA O ENSINO-APRENDIZADO.

Muitos educadores criaram propostas e métodos educacionais visando o processo de ensino/aprendizagem de alunos como um processo libertário, construído a partir da realidade do aluno e da construção da sua autonomia crítica. Anísio Teixeira e Paulo Freire são grandes exemplos de educadores que acreditavam em uma educação que extrapolasse o limite da sala de aula e dos conteúdos ministrados. Paulo Freire via na educação uma grande chance de tornar os alunos sujeitos críticos, para que assim eles pudessem interferir da realidade.

No âmbito teatral, Bertold Brecht e Augusto Boal são grandes exemplos de artistas que viam na arte um caminho potente para também tornar o cidadão mais crítico e ativo no seu dia-a-dia.

Com a criação da Lei 9394/96, que determinou a obrigatoriedade do ensino de arte em todas as séries da Educação Básica no Brasil, houve uma maior valorização das linguagens artísticas dentro das escolas e também da arte como um campo de conhecimento. Com isso, e também com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, entre os anos 1997 e 1998, as pesquisas sobre o ensino/aprendizado da arte vem crescendo cada vez mais.

Percebemos então o papel importante da escola no processo de familiarização dos alunos com as linguagens artísticas. A escola não é o único caminho para esta aproximação, porém é sim o meio mais rápido de acesso. Mesmo que o ensino de artes tenha virado lei, este ensino ainda é muito falho. Ainda vemos, em várias escolas, a existência do professor polivalente, que ministra aulas de várias linguagens artísticas mesmo tendo, na maioria das vezes, apenas uma formação. Problemas como a não distinção das linguagens artísticas e a grande valorização da história da arte como sendo apenas a história das artes visuais, dificultam a aprendizagem e também o aproveitamento dos alunos. Por isso, a grande necessidade de ligar ações socioculturais e as escolas.

1.2 A MEDIAÇÃO TEATRAL DO IDAS E VINDAS E A ABORDAGEM TRIANGULAR

A arte-educadora Ana Mae Barbosa, durante os anos em que esteve na direção do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, sistematizou a Abordagem Triangular.

Mesmo tendo sido sistematizada em um ambiente não-formal, a Abordagem Triangular é amplamente utilizada para o ensino de artes nas escolas. Motivada pela

necessidade de estabelecer uma leitura crítica diante da rapidez de imagens que possuímos na nossa atual sociedade, Ana Mae Barbosa apresenta três pilares dentro da sua sistematização: o contextualizar, o fazer e o fruir.

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p. 17).

Mesmo que haja diferenças entre a mediação em artes visuais e em artes cênicas, essa necessidade de uma leitura crítica diante do que é apresentado, seja obra de arte ou não, também guia alguns princípios da mediação teatral.

Para melhor relacionar o aspecto pedagógico da mediação cultural no teatro e o projeto IdAs e Vindas é importante identificar os pontos em comum com a Abordagem Triangular, principal fonte de inspiração para esse projeto.

Dentro do IdAs e Vindas entendemos a contextualização de uma obra não apenas pela sua contextualização histórica, muito usada na Abordagem Triangular. Na mediação teatral podemos entender a contextualização de um espetáculo também como o diálogo sobre o seu processo de formação, suas fontes e inspirações. No IdAs e Vindas, contamos também com uma breve contextualização histórica no encarte

principal do projeto e também com algumas palavras-chaves dentro do teatro como, por exemplo, coringamento, gesto, espaço dramático e ritmo. Este encarte é entregue aos alunos sempre antes de qualquer ação do IdAs e Vindas. Tudo isso aliado a exposição de algumas metodologias, exercícios de improvisação e técnicas utilizadas pelos grupos, pode ser entendido como a contextualização do projeto IdAs e Vindas dentro da Abordagem Triangular.

Sobre o aspecto do fazer da Abordagem Triangular, o IdAs e Vindas oferece várias oficinas aos alunos. São oferecidas oficinas de iniciação ao teatro, com jogos teatrais e de improvisos, e também oficinas de iniciação á linguagens teatrais específicas como, por exemplo, a oficina de iniciação ao teatro de formas animadas e a oficina de iniciação á mimica que aconteceram durante o ano de 2013.

Entendemos o fruir não apenas como a possibilidade do espectador estar em contato com a obra, mas também como todo o processo de construção das relações que são estabelecidas neste encontro. O fruir então, dentro do projeto IdAs e Vindas, engloba o acesso físico e o acesso simbólico.

A mediação cultural – em todos os ambientes que ela pode ser oferecida – pode proporcionar, além da experiência artística, um momento no processo de ensino-aprendizagem para os alunos. A mediação no teatro, e no IdAs e Vindas, se aproxima da Proposta Triangular a medida que também visa iniciar um processo de construção da autonomia de cada participante de uma ação cultural, seja na escola ou em projetos sociais.

2. A MEDIAÇÃO TEATRAL NO IDAS E VINDAS

O projeto IdAs e Vindas: diálogos interartísticos oferece tanto o acesso físico quanto o acesso simbólico ao seu público. Por ser um projeto financiado pelo REUNI, em sua primeira edição, conseguimos, através de um edital aprovado, um grande ônibus, com capacidade para 42 pessoas, para o uso, prioritário, do projeto. Desta forma, além de levarmos as produções artísticas do Instituto de Artes para cidades afastadas e com menos circulação de arte, também buscamos os alunos das escolas da rede pública e os levamos para o campus da UnB onde é realizada cada edição do projeto.

O IdAs e Vindas visa, além do processo artístico-pedagógico oferecido aos alunos, estreitar o contato intercampi da UnB e divulgar os cursos do Instituto de Artes. São realizadas quatro edições por ano: as IdAs, que acontecem quando as produções artísticas do IdA são levadas para os outros campi da UnB – situados na Ceilândia, Gama e Planaltina - e as Vindas, quando as produções artísticas destas cidades e dos próprios alunos da rede pública vem se apresentar no Darcy Ribeiro - principal campus da UnB. Desta forma, além da experiência artística, os alunos também conhecem os campi da universidade, desmistificando assim a UnB como um espaço restrito à comunidade acadêmica e à elite.

A mediação em Artes Cênicas não tem, nem nunca terá, um formato único ou correto a ser seguido. Todas as escolhas dependerão do espetáculo e também da natureza de cada projeto, com seus objetivos e público-alvo. Porém, no IdAs e Vindas temos algumas premissas que norteiam a construção da mediação teatral.

Durante uma conversa bem informal feita, por exemplo, ainda no ônibus, no trajeto da escola até o campus da UnB, realizamos uma sondagem inicial sobre as

experiências da turma com o teatro: quem já foi ao teatro? Vocês tem aula de artes na escola? Quando pensamos em teatro, qual a primeira coisa que vem a sua mente? As respostas recebidas são variadas e não existe uma resposta certa ou errada, apenas aquelas respostas que desenham melhor o fluxo da conversa para que cheguemos ao ponto inicial da nossa mediação: o que é fundamental para que o teatro aconteça? Listando algumas situações como, por exemplo, os espetáculos que acontecem na rua, a possível ausência de figurino ou iluminação e também a potencia do corpo como fala, queremos assim ressaltar a importância do público dentro do evento teatral. O público é parte fundamental do teatro; só com a presença do espectador é que o teatro se faz presente. Com essa conversa inicial, esperamos quebrar a formalidade que se estabelece naturalmente em projetos desse tipo, deixando os alunos mais a vontade para fazerem perguntas e exporem suas opiniões durante todo o processo.

Seguindo orientações da coordenadora de Artes Cênicas do IdAs e Vindas, professora Cecília de Almeida Borges, a mediação teatral do IdAs e Vindas acontece através de questionamentos e provocações feitas aos alunos e segue um fluxo de acordo com as respostas. Queremos, através desta metodologia, que os alunos reflitam sobre o ponto discutido, assimilando suas opiniões e experiências com o assunto em questão. Desta forma, a mediação teatral visa focar um assunto, mas não conduzir as respostas.

Exemplificaremos algumas estratégias de mediação adotadas pela equipe do IdAs e Vindas. Vabe lembrar que os espetáculos apresentados nas Idas – primeira etapa do projeto - são frutos de disciplinas ou projetos de extensão do curso de Artes Cênicas da UnB.

Um dos pontos positivos da mediação teatral no IdAs e Vindas é que podemos perceber os resultados rapidamente, mesmo que o acesso linguístico a uma linguagem

artística seja um processo sempre em construção. Percebemos os resultados não só pelo diálogo e pelas relações que são criadas entre o espetáculo e o público, mas percebemos também através dos questionários aplicados ao final de cada atividade cênica do projeto. Durante os exemplos de estratégias adotadas pelo IdAs e Vindas, falas dos alunos-espectadores serão descritas para melhor entendimento do resultado das ações.

2.1 “Á FLOR DA PELE” E AS DIFERENTES TRIBOS DA SOCIEDADE.

Este espetáculo gira em torno do universo feminino, mas não se prende somente a esse público. O espetáculo conta com quatro personagens principais extremamente diferentes entre si que se encontram em uma sala de espera de uma sessão de terapia. A partir daí, vários julgamentos são feitos e várias histórias pessoais apresentadas. Porém, ao longo da peça, outras personalidades aparecem em meio a crises pessoais e questionamentos que proporcionam ao público uma identificação imediata.

Para introduzir esse universo feminino antes do espetáculo e também para lançar algumas provocações para o diálogo posterior, durante o trajeto da escola até o campus do Gama, levamos a música “Cor de rosa choque”, interpretada pela cantora Rita Lee, para os alunos escutarem. A letra da música apresenta, várias vezes com um tom crítico ao estereótipo de sexo frágil, uma mulher essencialmente feminina, porém que possui toda força necessária para conduzir suas mudanças e seus planos.

O ponto principal da mediação para esse espetáculo girou em torno dos estereótipos e padrões estéticos altamente presentes na nossa sociedade. Quem dita esses padrões? Precisamos mesmo nos adequar a eles? O que torna uma mulher bonita? Essas questões foram lançadas aos alunos e o debate foi riquíssimo. Queríamos questionar esses padrões, o que foi fácil devido à quantidade de diferenças - não só físicas, mas também emocionais - das personagens da peça. Questionada sobre o que

tinha achado do espetáculo e, posteriormente, do projeto IdAs e Vindas, uma aluna do Ensino Médio, 16 anos, respondeu: “Foi ótimo, porque eu consegui me colocar no lugar de uma delas. E foi bom, porque eu me achava sem cor, feia, mas vi que apenas precisava ser eu mesma. (...) foi muito importante pra mim, eu consegui ver além de tudo.”

As expectativas do lugar da mulher na sociedade e também o que significa esse ‘sexo frágil’ que ouvimos tanto há tantos anos, mesmo tendo vários exemplos de grandes mulheres que conseguem conciliar sua vida profissional e pessoal, foram questões também levantadas no diálogo pós-espetáculo. Sobre isso, uma aluna, 16 anos, responde: “(...) traz a realidade por completo na vida da mulher, e vemos também que a mulher não é só o sexo frágil e sim um conjunto de humores.” Sobre as impressões que teve do projeto IdAs e Vindas, ela continua: “É uma ótima forma de as pessoas conhecer (sic) qualidades de outros mundo, não sendo o seu”

Por fim, como em todas as mediações realizadas pelo IdAs e Vindas, abrimos o diálogo para falar do processo de montagem do espetáculo. Metodologias, exercícios, inspirações e angústias relacionadas à profissão são sempre relatadas pelos artistas e também curiosidades constantes dos alunos. Com esse espetáculo, aproveitamos para ressaltar a possibilidade de uma reflexão crítica em peças com grande teor humorístico.



Aluna do CEM 02 – Gama – durante a mediação do espetáculo “Á flor da pele”

2.2 “DODECAEDRO” E A PROXIMIDADE COM O PÚBLICO.

Essa peça contou com vários contratempos mesmo antes de sua apresentação. Foi difícil encontrar um elo para realizar a mediação, pois a história apresentava-se de forma, muitas vezes, confusa. Também tivemos alguns problemas operacionais, devido a difícil locomoção do cenário e o atraso de alguns atores. No campus, as adversidades começaram quando o grupo achou o espaço do auditório reservado para a apresentação muito pequeno. Tivemos que correr em busca de um novo lugar, que acabou sendo um vão bem amplo no andar de cima de um dos prédios do campus da Ceilândia. Durante toda a minha experiência dentro do IdAs e Vindas - principalmente nos últimos 6 meses quando coordenei a produção – pude notar que o aspecto operacional mais complexo dentro da produção do projeto é o contato com o campus. Sempre temos que nos adaptar aos horários e salas disponíveis. As opções disponibilizadas pelos campi são sempre insuficientes para as necessidades do projeto, mas, desde o início em 2011, o IdAs e Vindas nunca deixou de acontecer por falta de espaço ou por qualquer outro problema operacional.



Apresentação do espetáculo “Dodecaedro”

Logo na chegada dos alunos ao vão era possível perceber o espanto e a curiosidade sobre aquele espaço não habitual para um espetáculo de teatro. Os cochichos só foram interrompidos quando o diretor da peça, Paco Leal, fez uma breve fala para ambientar melhor a situação e o local em que se encontravam os personagens. Vários aspectos da peça chamaram a atenção dos alunos e foram pontualmente discutidos pelo público e pelos atores: a troca de figurinos ser feita ali mesmo, na frente dos espectadores; a sonoplastia da peça ser feita ao vivo; a participação dos alunos em uma cena de celebração e dança; a pequena distância entre os atores e o público; o improviso de algumas cenas e, principalmente, como ressaltou uma aluna, “o fato da peça não acontecer em um ambiente fechado, tradicional”.

Todos os temores da equipe de mediação deixaram de existir no primeiro minuto do diálogo. A turma respondeu muito bem a todos os pontos colocados não só pelas mediadoras, mas também pelos artistas. As cenas sexuais, aparentemente, não chocaram ninguém e, dentro de uma peça com quesitos tão diferentes, esse foi o menos falado pelos alunos. Após a apresentação do espetáculo, já no retorno para o campus Darcy Ribeiro, pude notar a empolgação e o entusiasmo dos atores e do diretor da peça depois desta experiência no IdAs e Vindas. O interesse dos artistas por aquele encontro que acabara de acontecer foi tanto que todos os questionários foram lidos ali mesmo dentro do ônibus.

Percebi então a grande oportunidade que o IdAs e Vindas oferece aos artistas: além da experiência de circulação dos espetáculos e da saída do meio acadêmico, o retorno do público é imediato. Sobre essa experiência o ator Lupe Leal escreve:

O nosso espetáculo, Dodecaedro, uma livre adaptação do conto homônimo de Caio Fernando Abreu, nasceu e cresceu no ambiente

universitário. Segue crescendo. O desafio que tivemos a sorte de enfrentar por meio do IdAs e Vindas na cidade de Ceilândia representou um forte contributo nesse sentido. O espetáculo despido, por assim dizer, de tudo que lhe é acessório, revelou a oportunidade de reencontrar no trabalho do ator a única via de conexão com os alunos das escolas públicas que foram ao nosso encontro naquele dia. Apesar de entendermos que os recursos e elementos da encenação (iluminação, cenografia, etc) jogam ao nosso favor, foi uma imensa felicidade nos depararmos com a necessidade de preservar o coração do trabalho a despeito da ausência eventual de qualquer recurso que não o ator presente. Para além de representar apenas UM encontro: o do público (da comunidade externa à Universidade) com arte que se produz no ambiente acadêmico, percebi que nesse exercício de aprimoramento do nosso trabalho se dá, sim, um DUPLO encontro: de nós com nossa própria poética e dela com o público, num evidente processo elucidativo, educativo e surpreendente para todos os envolvidos.

2.3 “ROSA VERMELHA” E A PLURALIDADE DE INTERPRETAÇÕES.

Este espetáculo, apresentado em 2012, exigiu uma atenção especial (e várias reuniões da equipe do projeto) pela sua temática e também pelas fortes cenas de agressão. O tema da peça era apresentado por três personagens de classes sociais, gostos e características diferentes, porém que passavam pelo mesmo drama: a violência doméstica.

Como o tema principal do espetáculo por si só já poderia render vários pontos a serem discutidos na conversa pós-espetáculo, resolvemos, na mediação, atentar para os elementos da encenação teatral. O cenário da peça era feito com vários tipos de caixas e barbantes brancos e vermelhos. Como provocação anterior ao espetáculo, pedimos para que os alunos observassem estes elementos do cenário e a relação deles com a peça.



Cena do espetáculo “Rosa Vermelha”

As interpretações e as relações que eles estabeleceram foram diversas. Quando questionados sobre o que as caixas poderiam significar, eles falaram que pareciam coisas como: cemitérios, os segredos que são guardados ou os casos que simplesmente viram números ou são arquivados. Sobre os barbantes, disseram: os problemas que são crescentes virando uma bola de neve, os nós que são difíceis de serem desfeitos e, pela coloração, veio a imagem de sangue, do sofrimento das vítimas.

Podemos perceber nessa mediação a construção de imagens do público a partir dos signos colocados em cena e sua relação com o tema da peça. Estes elementos auxiliam na interpretação e na criação de sentidos do público.

Um dos pontos desejados pelo IdAs e Vindas dentro do acesso linguístico da mediação teatral é que o público percorra um caminho claro para estabelecer relações com a peça. É desejável que, através de alguns procedimentos da mediação teatral, o público reconheça o signo, o decodifique e, por fim, o interprete. Este é o processo que podemos considerar como o início para a autonomia crítica de um espectador não só diante de uma obra artística, mas também em outros aspectos do cotidiano.

Terminamos a mediação deste espetáculo ressaltando as infinitas possibilidades de interpretação de uma obra artística e que o espetáculo não precisava ter um único significado. O que representavam as caixas e os barbantes era uma interpretação própria. A mediação cultural pode, através de procedimentos artísticos-pedagógicos, potencializar as interpretações do espectador e essa pluralidade de interpretações é o que enriquece uma mediação cultural.

2.4 “K – PROCESSO Nº 2013” E A MEDIAÇÃO DENTRO DO PROCESSO DE MONTAGEM DE UM ESPETÁCULO.

Este espetáculo, fruto da disciplina Interpretação e Montagem, foi baseado na obra “O Processo”, de Franz Kafka. O livro narra a saga de um homem que sofre um longo processo durante a trama e que é preso sem nenhum motivo aparente. A obra, publicada em 1925, mostra algumas questões como a burocracia, as relações de poder estabelecidas em um ambiente de trabalho e a religião. A adaptação feita pela turma trouxe esses temas ainda tão presentes em nosso dia-a-dia de forma cômica. A comicidade nesta peça foi usada com o intuito de promover um distanciamento do público em relação ao que era apresentado para que isso favorecesse uma reflexão crítica a respeito de temas tão sérios e cotidianos. Sobre isso, uma aluna, 15 anos, diz:

“Eu admirei o uso da comédia para tratar de assuntos tão sérios o que pode-se compreender tudo (sic)”

A conversa pós-espetáculo girou em torno, basicamente, de uma cena em que uma entidade chamada “Pretinho Baby” aparece dando conselhos diversos para os personagens. “Pretinho Baby” foi uma referência ao Preto Velho, entidade presente na Umbanda. Porém, o fato do personagem ser chamado de Pretinho causou certo desconforto em alguns alunos presentes na apresentação. Com isso, várias opiniões foram expostas e o racismo foi o tema mais discutido.

Expor o processo de montagem da peça e as metodologias usadas para compor os personagens foi uma das alternativas encontradas para aproximar mais os alunos das temáticas abordadas e também das escolhas estéticas utilizadas na peça.

Este encontro com o público e o grande debate que aconteceu depois foi bastante significativo para a turma de Interpretação e Montagem. A experiência reverberou de forma que alguns alunos passaram a questionar vários aspectos da peça, enquanto outros afirmavam a necessidade daquelas provocações.

Abre-se então outra oportunidade dentro da mediação teatral, além do acesso físico e linguístico: o retorno que a mediação pode oferecer durante o processo de montagem dos espetáculos. Além de ter algumas respostas do público referente às questões estéticas e temáticas, a mediação também pode guiar mudanças durante todo o processo de montagem. Surge a oportunidade de unir várias vertentes de evento teatral: o ensaio aberto, aliado ao acesso físico e linguístico; reforçando assim a importância do espectador dentro dessa linguagem.

Como um livro que só existe quando alguém o abre, o teatro não existe sem a presença desse outro com o qual ele dialoga sobre o

mundo e sobre si. Sem espectadores interessados nesse debate, o teatro perde conexão com a realidade que se propõe a refletir e, sem a referência desse outro, seu discurso se torna ensimesmado, desencontrado, estéril. Não há evolução ou transformação do teatro que se dê sem a efetiva participação dos espectadores. (Desgranges, 2010, p.27)

Sobre a experiência, uma aluna do campus, 32 anos, disse: “Ótimo, porque trouxe temas atuais e polêmicos que nos faz pensar no sistema em que vivemos”. Sobre as impressões que teve do projeto: “É maravilhoso, pois nos possibilita novas visões de mundo, abrindo debate de forma divertida e reflexiva.”.



Elenco do espetáculo “K – Processo n° 2013”

2.5 “CABARÉ DE PALHAÇOS” E A DIVERSIDADE TEATRAL.

Um espetáculo bastante apresentado no IdAs e Vindas é o “Cabaré de Palhaços”. Mesmo que o nome remeta à linguagem do palhaço, o espetáculo apresenta vários esquetes de outras linguagens como a mímica e contação de histórias, por exemplo.

No “Cabaré de Palhaços”, apresentado no segundo semestre de 2013, a mediação pode trabalhar com vários aspectos da linguagem teatral. Como os dois números de palhaços apresentados não tinham falas, a questão do gesto construído pelos atores e da expressividade do corpo foi algo bem comentado pelos alunos. Sobre isso, uma aluna, 15 anos, comentou: “Gostei bastante (do espetáculo) e achei bem diferente a forma de utilizar o humor sem falar muitas palavras”. A apresentação dos palhaços teve bastante interação com a plateia, o que também chamou a atenção dos alunos, fazendo com que eles se sentissem parte daquele evento.

Outra questão abordada pelos alunos do Ensino Médio foi que mesmo com a simplicidade da peça, que não contava com cenário e iluminação, eles puderam visualizar vários personagens, em diferentes situações e lugares. O comentário de uma aluna, 15 anos, ilustra a afirmação: “Eles conseguiram envolver o público na história, fez todos rirem (sic) sem nada no cenário, somente caracterizados. Se transformaram em várias pessoas ao mesmo tempo e foram felizes com seu trabalho.”. A equipe de mediação pode então reforçar os elementos essenciais, de acordo com o IdAs e Vindas, para que o teatro aconteça: ator, público e uma ação.



Nitiel Fernandes, Izabela Parise e Cecília Borges durante a mediação do espetáculo.

Durante a conversa pós-espetáculo, a fala de uma aluna me chamou bastante atenção. Ela dizia que estava surpresa com o espetáculo, pois percebeu que arte não era só aquilo que eles viam na escola. Ela pode perceber que a arte pode ser muito mais do que fazer um boneco ou escrever um poema (situações exemplificadas pela aluna, durante a conversa). Nos relatórios, a fala de uma aluna, 15 anos, também elucida essa questão: “O projeto fez com que eu pensasse que o teatro não era tão chato como eu imaginava. Foi ótimo.”.

2.6 AS VINDAS E A DESMISTIFICAÇÃO DA UNB.

Durante as IdAs, enquanto conversávamos com os alunos sobre os cursos do IdA e também sobre o campus Darcy Ribeiro, era comum ouvir perguntas como: mas eu posso entrar lá? Não tem que ter carteirinha? Não é um prédio fechado? A impressão de muitos alunos é de que a UnB é um prédio fechado e restrito à comunidade que dela participa. Durante as mediações realizadas pelo IdAs e Vindas sempre tentamos ressaltar que a UnB é pública e que uma das missões da Universidade é estabelecer contato com as comunidades externas, oferecendo cursos, palestras e oportunidades diversas de contato.

As Vindas – segunda etapa do projeto – exigem uma produção e uma logística operacional maior do que as IdAs, pois temos que conciliar as escolas participantes das três cidades satélites, onde localizam-se os outros campi da UnB, os artistas dessas regiões e os poucos espaços físicos destinados ao projeto.

Esta etapa do IdAs e Vindas acontece durante a Semana Universitária anual promovida pela Universidade de Brasília. É uma semana também voltada para os alunos das escolas do Distrito Federal, onde eles podem ter acesso à cursos, palestras,

demonstrações e visitas guiadas ao campus. É uma ótima iniciativa, porém com vários problemas organizacionais. São mais de 600 atividades acadêmicas inscritas e, mesmo tendo vários monitores com uma lista de atividades indicadas para as escolas, alguns professores decidem mudar de última hora a atividade planejada. Com isso, há uma desorganização geral dentro do evento; o que acaba reverberando também no projeto IdAs e Vindas.

Nas experiências que tivemos com as Vindas, em 2012 e 2013, lidamos com duas situações extremas relacionadas ao público: em 2012, recebemos mais de 300 alunos em uma manhã de atividades na tenda instalada em frente ao Departamento de Artes Cênicas e, em 2013, não sabíamos ao certo se teríamos ou não público para as nossas atividades, tendo até que cancelar uma apresentação de música pela falta de espectadores. Esta inconstância de público dentro da Semana Universitária acaba deixando as atividades do IdAs e Vindas um pouco instáveis, porém, a cada edição, o projeto vai encontrando seus próprios meios de garantir seu público, fazendo com que cada atividade cumpra com seus objetivos artísticos-pedagógicos.

Na última edição, vale ressaltar dois momentos importantes para o IdAs e Vindas. O primeiro momento é o da abertura da edição no Departamento de Artes Cênicas. O que era para ser uma abertura tradicional, com a fala dos coordenadores de cada área e um pequeno coffee-break, acabou se transformando em uma grande festa dos alunos do departamento com os alunos de uma escola pública da Ceilândia que participaram da abertura apresentando uma banda formada por eles. No final da abertura, podemos presenciar uma aluna do Ensino Médio comentando com sua amiga: “É pra cá que eu quero voltar”. Percebemos também uma repercussão maior do projeto dentro do Departamento de Artes Cênicas. Vários alunos que não conheciam o IdAs e

Vindas vieram perguntar como era o projeto e quando acontecia, demonstrando grande interesse em ingressar no projeto.

O segundo momento é a apresentação do espetáculo “O bem-amado”, da Cia Língua de Trapo, dirigida pela professora Isabel Cavalcante. Isabel coordena a Sala de Altas Habilidades em Artes da rede pública de ensino do DF, em Planaltina, há mais de 20 anos. Ela realiza várias montagens com seus alunos e também ministra aulas de teatro durante todo o ano letivo. Houve uma grande troca entre a Cia Língua de Trapo e o projeto IdAs e Vindas, pois a professora Isabel Cavalcante realiza um trabalho diferenciado dentro da Secretaria de Educação, utilizando o teatro como ferramenta, mostrando como pode existir uma grande ligação entre a arte e licenciatura, através de projetos de experimentações artísticas.



Isabel Cavalcante e o elenco do espetáculo “O Bem-Amado”.

2.7 ALGUNS NÚMEROS DO IDAS E VINDAS.

As edições do projeto IdAs e Vindas acontecem durante cinco dias (de segunda a sexta) em cada campus da UnB, totalizando quatro edições por ano. Trabalhamos no período matutino e vespertino, recebendo, além do público do campus, em média 30 alunos das escolas da rede pública do DF por turno. Sendo assim, o IdAs e Vindas recebeu em suas atividades mais de 1.000 alunos por ano; número bastante expressivo se pensarmos que, em Brasília, existem poucos projetos de formação de público.

O gráfico a seguir foi elaborado a partir dos questionários aplicados nos cinco espetáculos descritos acima. A pergunta era: com qual frequência você vai ao teatro?

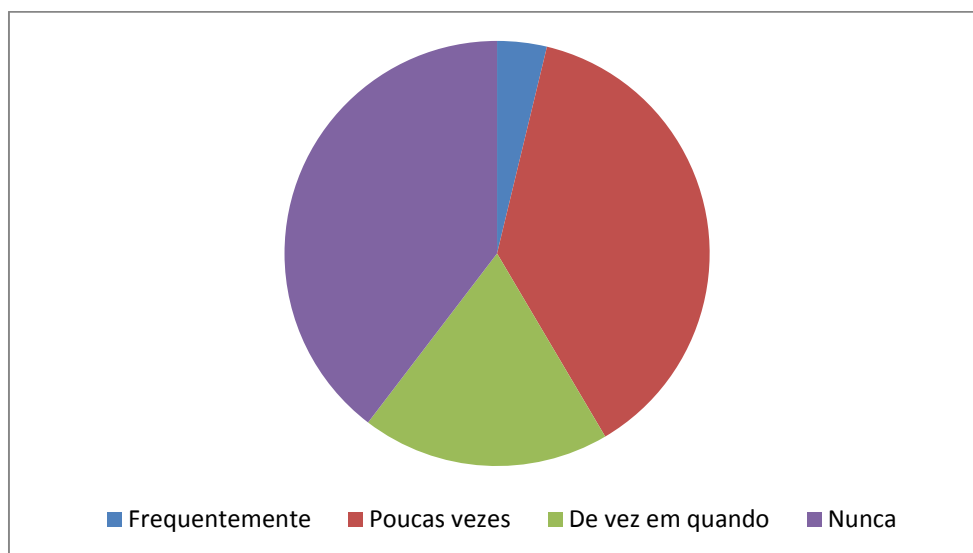


Gráfico elaborado pela discente.

Perceber-se que a grande maioria dos espectadores do IdAs e Vindas nunca foram ao teatro ou não vão com frequência. Durante a sondagem inicial das experiências teatrais das turmas, vários alunos contam que nunca foram ao teatro e os que já foram, assistiram peças de comédia ou peças infantis.

Durante uma das reuniões semanais da equipe de Artes Cênicas do IdAs e Vindas, a professora Cecília Borges atentou para o fato de que, se fosse feito um acompanhamento a longo prazo com os alunos espectadores do IdAs e Vindas, com o tempo, poderíamos medir a adesão desses alunos na UnB. Não só nos cursos do Instituto de Artes, mas em outros cursos também. Isso porque, além da experiência artístico-pedagógica, os alunos também desmistificam a UnB como uma oportunidade não provável para eles, aumentando assim o desejo de fazer parte daquele ambiente que se torna tão mágico para eles, durante a visita promovida pelo projeto IdAs e Vindas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Os espaços culturais na cidade são ilhas de liberdade diante da ocupação da fantasia pela mídia e a sociedade de consumo.”

(Koudela, 2010)

Em um mundo cada vez mais globalizado, onde a televisão e a internet são os meios de comunicação mais utilizados, projetos socioculturais tornam-se cada vez mais necessários por difundir outras linguagens artísticas e também por propiciar experiências diversas que podem se transformar em novos conhecimentos.

A sensibilidade artística existe em todas as pessoas, basta apenas oferecer oportunidades para que, a partir da experiência artística, novos conhecimentos sejam criados e perpetuados. O projeto IdAs e Vindas corrobora apresentando-se como um canal de diálogos interartísticos que também facilita o acesso do público á obras artísticas, propondo a descentralização das produções, tanto para os graduandos quanto para os alunos da rede pública de ensino.

Dentro da experiência de dois anos no projeto IdAs e Vindas, percebe-se que a Mediação Teatral, aliada ás atividades escolares, pode ser uma metodologia viável para oferecer estímulos concretos e circunstâncias favoráveis para o desenvolvimento de uma autonomia criativa e crítica dos alunos. Uma autonomia crítica não só relacionada ás produções artísticas, mas que, a partir delas, transfere-se para a realidade do espectador, como desejava Ana Mae Barbosa ao propor a Abordagem Triangular.

4. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007.

_____. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BARSOBA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane Galvão. *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do espectador*. 2 edição. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. *Pedagogia do Teatro: provocações e a dialogismo*. 3 edição. São Paulo: Hucitec: Edições Mandacaru, 2011.

_____. Quando o teatro e educação ocupam o mesmo lugar no espaço. Caminho das Artes/ A arte fazendo escola, V. 1: São Paulo, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOUDELA, Ingrid. *Jogos teatrais*, 7 edição. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____, Ingrid. A ida ao teatro. Sistema Cultura é currículo. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/Escola%20em%20Cena/>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

PUPO, Maria Lucia. Para alimentar o desejo do teatro. Revista Sala Preta, São Paulo, vol. 9, p. 269-278, 2009.

_____. Mediação artística, uma tessitura em processo. Revista Urdimento, vol. 17, p. 113-121, Florianópolis, 2011.

READ, Herbert. *A Educação pela Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

TIBURI, Márcia. Aprender a pensar é descobrir o olhar. *Jornal do Margs*, vol. 103, Porto Alegre, 2004.

VIDOR, Heloise Baurich. De como D. Quixote enfrentou os monstruosos moinhos: a mediação teatral e a escola na perspectiva da ação cultural. *Revista Sala Preta*, São Paulo, vol. 12, p. 78-87, 2012.